

Giroux, H. (2023) *On Critical Pedagogy*. (2ª Ed.). Bloomsbury. p. 265.

Susana Oliveira

Henry Giroux é Professor de Estudos Culturais, detentor da Cátedra para Estudos de Interesse Público no Departamento de Estudos Ingleses e Culturais e da Cátedra Paulo Freire. Tal como Paulo Freire, é reconhecido como um dos fundadores da pedagogia crítica. Publicou cerca de 67 livros entre os quais se destacam os últimos: *The Terror of the Unforeseen* (2019) e *Race, Politics, and Pandemic Pedagogy: Education in a Time of Crisis* (2021).

A publicação aqui analisada, trata-se da segunda edição (2023), do livro *On Critical Pedagogy*, (publicado pela primeira vez em 2011), atualizada ao contexto sociopolítico contemporâneo. O livro divide-se em 11 capítulos, dos quais 3 são dedicados ao estudo da crescente cultura neofascista e da era da pós-verdade que caracteriza o mundo desde a governação de Donald Trump.

É um livro escrito num discurso crítico, sobre o papel da cultura e da pedagogia crítica na construção da liberdade, da democracia, e da individualidade dos sujeitos. Destaca o papel da escola e dos professores enquanto agentes transformadores, que põe em prática o exercício da pedagogia crítica e reflete sobre o impacto negativo da ação neoliberal na mudança do currículo. Para além da crítica, Giroux propõe alternativas, para que as instituições educativas possam retornar ao seu papel na defesa da liberdade, e da justiça social.

Como refere na “introdução”, a publicação da nova edição é um instrumento de reflexão crítica necessário para o que diz serem as consequências da política neoliberal: i) a privação social do poder de agência humana, ii) a linguagem educativa empírica, orientada por fundamentos económicos, iii) o paradigma educativo orientado para as competências, que privam os sujeitos do conhecimento necessário para o exercício da reflexividade e capacidade de análise, iv) o papel do professor e da educação que, desprovidos de poder de decisão, tornam os seus atos em ecos vazios de ética e de valores educativos. Como refere, hoje o papel do professor é técnico e limitado ao desenvolvimento de momentos de aprendizagem, em que os alunos são instruídos para a aquisição de competências básicas necessárias para o desenvolvimento económico.

Nos três primeiros capítulos, Giroux argumenta sobre a atual desvalorização da História, vitimada pela ação do neoliberalismo, que premeia os domínios do saber orientados para o positivismo, cujo impacto se faz sentir na organização escolar e nas relações de sala de aula. As metodologias de ensino são hoje orientadas para modos de aprender baseados em evidências mensuráveis praticadas pelo professor, que enquanto técnico especializado, “facilita” aprendizagens, põe em prática modelos

de avaliação fundamentados pela neutralidade objetiva do conhecimento, pelos procedimentos estandardizados de possível replicação e pelo controlo em todas as dimensões de sala de aula. Embora o atual discurso educativo advogue a favor da emancipação dos sujeitos, a objetividade que o caracteriza ameaça tudo o que representam as formas de pensamento reflexivo e crítico, reduz a relação professor-aluno, a relação de ambos com o currículo e transmite aos alunos a sensação ilusória de apropriação do conhecimento.

Giroux propõe um modelo educativo de esperança, fundado na pedagogia de Paulo Freire em que são exploradas metodologias interpretativas, promotoras de processos dialógicos entre o conhecimento e os alunos, mediado pelo professor. Recorre também à obra de Gramsci [no livro são referidas obras do autor (1916, 1992), e outras de outros que sobre ele estudaram], como meio para compreender as dinâmicas das forças políticas sobre a cultura, ocorridas com a manipulação dos *mass-media* enquanto disseminadores da mensagem político-pedagógica, e da escola como espaço onde a transferência cultural se processa de forma pacífica através do triângulo pedagógico: professor, aluno e currículo.

Expressa a ideia de que a pedagogia crítica pode ser o caminho para novas linguagens pedagógicas, que emergem da ação social-democrática, livre da influência económica. Apela para que em conjunto, escola e professores, recorram à cultura como meio para promover a dimensão política transformadora, e que de igual modo assumam a pedagogia como prática que inicia os sujeitos na vida social participativa para a construção do futuro democrático.

A pedagogia crítica tem a responsabilidade de redefinir o conceito de democracia, utilizando um novo vocabulário e práticas sociais que promovem o diálogo entre o ser humano e o mundo nas suas dimensões espaço-temporais. Devido à sua natureza, a pedagogia crítica não pode ser reduzida a um conjunto de princípios fixos ou práticas que podem ser repetidas indefinidamente.

Reflete sobre o que considera ser o papel dos professores enquanto pedagogos que resistem ao modelo de instrução tecnicista, quando através do pensamento crítico, refletem e tomam para si a responsabilidade cívica e profissional de agir em prol do que é o melhor para o aluno. Compreende que o propósito de educar é promover uma cultura crítica, para que também um dia os alunos se transformem em agentes participantes na sociedade democrática. Defende que ensinar é um ato transformativo, que envolve o exercício de interações políticas, estabelecidas entre o professor e o aluno em que o primeiro se assume como autoridade até o aluno se conseguir emancipar quando consegue trazer a si o conhecimento.

Nos capítulos 4 e 5, Giroux critica os efeitos negativos da política sustentada nos mercados, no hiperindividualismo e na desvalorização das instituições sociais. As políticas reguladas pelo consumismo, condenam as classes mais desfavorecidas à sua

exclusão social, à reprodução de vidas desestruturadas e que anunciam a falência moral da sociedade que não se preocupa com a vida dos futuros cidadãos. Giroux desafia escolas e instituições de ensino superior a encontrar soluções que ensinem aos jovens “*how to govern rather than merely be governed*” (p. 113). Propõe que se comece a pensar no ensino superior, como o caminho para a cidadania em que a aprendizagem se transforma em mais do que um conjunto de competências para responder a funções. Neste sentido, reforça que o desígnio de educar não se cumpre somente com a satisfação da sustentabilidade económica. Educar é justiça, é liberdade social e é dar condições para que os alunos assumam a sua agência.

A leitura dos capítulos 6 e 7 abre-nos a nós, leitores, a possibilidade de refletir sobre a pressão do mercado a que as instituições do ensino superior são sujeitas e que as impede de defender a universalidade do direito à liberdade, à igualdade e justiça social. Também neste domínio, Giroux propõe que se invista na academia consciente da responsabilidade democrática, que promove conhecimento sustentado na autorreflexão social, nas práticas intelectuais desvinculadas das evidências, e que desenvolvem nos alunos as bases fundamentais para a produção do conhecimento científico. Entende a cultura como o espaço: i) de investigação dos modos de intervenção política para a construção de realidades sociais, ii) de contestação e consciencialização crítica necessária ao desenvolvimento do pensamento complexo. Teorizar a cultura permite aceder aos processos de assimilação e instrumentalização utilizados, entender o impacto que tem em sociedade em contexto escolar, desenvolver pedagogias de intervenção suportadas em processos de agência, para os quais a educação contribui com o desenvolvimento do pensamento crítico dos jovens.

Giroux compreende que a pedagogia de intervenção e a pedagogia da argumentação são necessárias para a pedagogia da resistência, construída pelas práticas dialógicas estabelecidas entre professores e alunos, e entre a sociedade e os sujeitos.

Entende também que a pedagogia cultural é uma prática de resistência posta em prática pelo professor, enquanto agente transformador que cria oportunidades para que os alunos se tornem em sujeitos questionadores, capazes de compreender a relação entre conhecimento, autoridade e poder.

Dos capítulos 8 ao 10 Giroux faz a análise da sociedade na era do *Post-Truth*, e das consequências do discurso “*Trumpista*”, em que manipulação da verdade, serve para manipular o público e desacreditar instituições. Giroux apoia-se nesta realidade para constatar o problema da pedagogia neoliberal, que se centra no conhecimento orientado para as competências básicas, para o comportamento adaptativo de uma sociedade incapaz de refletir criticamente ou pensar em autonomia.

Propõe que os agentes sociais, culturais e educativos atuem como agentes de mudança, para despertar nos indivíduos os ideais democráticos alcançados através da autonomia de pensamento e reflexividade crítica. Apela para que as escolas

e professores, façam uso da pedagogia crítica, da dimensão simbólica, institucional como forma de resistir à desinformação e à restrição da liberdade dos sujeitos. Para cumprir esse desígnio, a educação tem de ser recuperada com a implementação de culturas de coragem, tolerância e consciencialização do outro.

Giroux refere que os professores devem zelar pela cultura profissional, assente em linguagens pedagógicas que empoderem a classe profissional e que combatam a pedagogia fascista neoliberal. Propõe o uso de linguagem pedagógica, para ensinar os jovens a pensar criticamente, e compreende que a teoria crítica pode ser o instrumento mobilizador do discurso de combate de ideologias e de estruturas sociais hierarquizantes.

A “era Trump”, é um alerta para a necessidade de relembrar o passado, de valorização da História e da cultura como o caminho para a reflexão crítica sobre o passado. Como refere Giroux, “é com o passado que no presente se constrói o futuro” (2023, p. 265).

O livro termina com a entrevista de Brad Evans (Professor de Violência Política e Estética e diretor fundador do *Centre for the Study of Violence*, University of Bath) a Giroux, “*Life in zones of abandonment*” (pp.243-252), no qual explica as razões que o motivaram a ser hoje um agente para a mudança, que luta pela justiça social e pela liberdade dos sujeitos.

On Critical Pedagogy trata-se de um livro de referência, em que Giroux parte do contexto sociopolítico norte-americano, para a análise do mundo.

Recorrendo a Jacques Rancière (2021), poder-se-á dizer que o livro é uma oportunidade para parar, quebrar o ciclo do rotineiro do dia-a-dia e emancipar quem o lê.

O livro é um notório incentivo para o investimento na pedagogia pela cultura, como o caminho para a autonomia, para resistência e para a esperança.

Agradecimentos

Financiamento: Fundação para a Ciência e Tecnologia - Bolsa de Doutoramento_UI/BD/144916/2023

Referências:

- Giroux, H. (2011). *On critical pedagogy*. 1ªed. Continuum International Publishing Books.
- Giroux, H. (2021) *The terror of the unforeseen*. 1º ed. Los Angeles Review of Books.
- Giroux, H. (2021). *Race, politics and pandemic pedagogy: Education a time of crisis*. Bloomsbury.
- Gramsci, A. (1916). *Uomini o macchine?* (Piedmontese Edz.). Avanti. <https://www.nuovopci.it/classic/gramsci/uomacc.htm>
- Gramsci (1992). *Selections from the prison notebooks*. (Trans. Q. Hoare & J. Smith. 11º Ed.) International Publishers (Original publicado em s/d).
- Rancière, J. (2021). *The Emancipated spectator*. (Trans. Elliot, G. 2ªed.). Verso. (Original publicado em 2008)

Susana Oliveira

Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento
(CeIED), Universidade Lusófona
Email: susanaroxo@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4415-156X>

Correspondência

Susana Oliveira
Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento
(CeIED), Universidade Lusófona
Edifício U
Av. Mal. Craveiro Lopes 2A,
1700-284 Lisboa

Data de submissão: janeiro 2025

Data de avaliação: fevereiro 2025

Data de publicação: março 2025